

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR LITORAL

ROSENI MORESCO

**ABORDAGEM CURRICULAR DA AGROECOLOGIA NAS ESCOLAS DO CAMPO:  
O CASO DO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO CONTESTADO – LAPA/PR**

LAPA/PR

2018

ROSENI MORESCO

**ABORDAGEM CURRICULAR DA AGROECOLOGIA NAS ESCOLAS DO CAMPO:  
O CASO DO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO CONTESTADO – LAPA/PR**

Monografia apresentada como requisito parcial ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

Orientadora: Prof. Dr. Vanessa Marion Andreoli

LAPA/PR

2018

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a todos e todas da minha família e principalmente as minhas duas filhas Emanuela e Lorena Sophia que estiveram ao meu lado enfrentando as dificuldades e desafios durante o percurso deste curso. A minha saudosa mãe Loreni que senti muito sua falta e a saudade corrói meu coração eternamente.*

*A minha orientadora Vanessa Marion Andreoli que orientou a realização deste trabalho com muito amor, carinho e compreensão.*

*Dedico também aos professores e professoras deste curso de educação do campo os quais dedicaram-se para contribuir comigo neste processo de formação.*

*Aos integrantes da Escola Latino Americana de Agroecologia, MST, Via Campesina e também a UFPR-Litoral por estarem juntamente conosco nesta luta que não se encerra aqui.*

*Dedico aos meus compadres e minhas comadres Josevânia, Djeniffer, Leandro e Maicon pelo carinho e cuidado com minhas pequenas e comigo também, assim como também a Ellaine por sua dedicação conosco. A Clarice por ter nos amparado em sua casa no momento que mais precisei e por ser uma amiga companheira em todos os momentos e circunstâncias.*

*Dedico este trabalho ao Cicero Fernandes por ter me dado apoio, dedicando-se com muito amor e carinho em cuidar de mim e minhas filhas.*

*Dedico este trabalho a todos e todas que acreditam assim como nós em uma educação transformadora.*

*Quero dedicar este trabalho para todas as mães que se desafiam e encaram as dificuldades em estudar com seus filhos e muitas das vezes separados pela distância, a aqueles e aquelas que entendem que as crianças são fruto e também construtores do futuro.*

**SEGUIMOS EM LUTA!**

## **AGRADECIMENTO**

*Quero agradecer primeiramente a Deus por ter sido meu amigo, companheiro, confidente e meu porto seguro nas horas de dificuldades, alegrias e desesperos.*

*Agradeço as cirandeiras que cuidaram de minhas pequenas com muito carinho e dedicação enquanto estava em aula.*

*Também ao Colégio Estadual do Campo Contestado por ter aberto as portas para a pesquisa deste trabalho.*

*Quero agradecer a todos e todas que realizaram críticas que contribuíram para o meu crescimento militante.*

*Agradeço aos educadores Gilson e Júlio e a educadora Sandra Mara e também minha orientadora Vanessa que compuseram a minha banca e com muito carinho e dedicação avaliaram e contribuíram com este trabalho.*

## EPÍGRAFE

### A Educação Do Campo

A educação do campo  
do povo agricultor  
precisa de uma enxada  
de um lápis, de um trator  
precisa educador  
para trocar conhecimento  
o maior ensinamento  
é a vida e seu valor.

Dessa história  
nós somos os sujeitos  
lutamos pela vida  
pelo que é de direito  
as nossas marcas  
se espalham pelo chão  
a nossa escola  
ela vem do coração.

Se a humanidade  
produziu tanto saber  
o rádio a ciência  
e a “cartilha do ABC”  
mas falta empreender  
a solidariedade  
“soletrar” essa verdade  
está faltando acontecer.

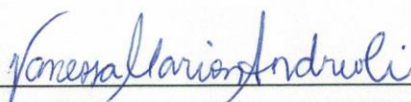
*Gilvan Santos*

## TERMO DE APROVAÇÃO

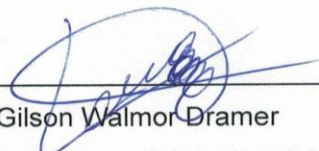
ROSENI MORESCO

ABORDAGEM CURRICULAR DA AGROECOLOGIA NAS ESCOLAS DO CAMPO:  
O CASO DO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO CONTESTADO – LAPA/PR

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação do Campo, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada (o) em Educação do Campo habilitação em Ciências da Natureza.



Prof(a). Dr(a).Vanessa Marion Andreoli  
Orientador(a) – Setor Litoral, UFPR



Prof. Dr. Gilson Walmor Dramer  
Membro da Banca – Setor Litoral, UFPR



Prof(a). Sandra Maier  
Membro da banca – Colégio Estadual do Campo Contestado

Matinhos, 16 de Outubro de 2018.

## RESUMO

O trabalho buscou analisar como as práticas escolares e os conteúdos curriculares da escola do campo vem abordando a Agroecologia, voltando sua análise para o 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual do Campo do Contestado, localizado no Assentamento do Contestado, na Lapa/PR. Considerando a atual situação das escolas do campo, há a necessidade de práticas escolares sustentáveis ligadas a natureza, assim como a preservação da cultura que valoriza a vida no campo, que aproveita suas vivências locais, o seu espaço, sua realidade e sua práxis, na construção do conhecimento. Nesse sentido, a Agroecologia precisa abranger a natureza como um todo trazendo presente os elementos históricos, químicos, físicos, biológicos entre outros, pois está voltada a realidade das famílias e educandos. A pesquisa, de natureza qualitativa, teve como metodologia a Pesquisa colaborativa (IBIAPINA, 2008) e se deu em quatro etapas: Reconhecimento da realidade, por meio do Projeto Político Pedagógico do colégio; Questionário com os professores; Entrevista com a professora do 6º ano e a Ação colaborativa, que se deu em dois momentos (planejamento e aplicação da aula). Como resultados, percebe-se que a escola do campo deve avançar mais em questão a formação dos/as educadores, dando mais ênfase em aulas que busquem dialogar com o conhecimento dos educandos e da comunidade, e também com os conteúdos e inclusive pensar estratégias e metodologias que incluam os educandos nas aulas. Durante a realização deste trabalho, foi possível obter vários aprendizados, inclusive o reforço do desejo de atuar como educadora em escolas do/no campo nas quais há necessidade de uma educação na qual os estudantes sintam-se parte deste espaço e que não desestruture a raiz camponesa.

**Palavras-chave:** Educação do Campo; Agroecologia; Educação básica.

## RESUMEN

El trabajo buscó analizar cómo las prácticas escolares y los contenidos curriculares de la escuela del campo vienen abordando la Agroecología, volviendo su análisis para el 6º año de la Enseñanza Fundamental del Colegio Estadual del Campo del Contestado, ubicado en el Asentamiento del Contestado, en Lapa / PR. En la actual situación de las escuelas del campo, hay la necesidad de prácticas escolares sostenibles ligadas a la naturaleza, así como la preservación de la cultura que valora la vida en el campo, que aprovecha sus vivencias locales, su espacio, su realidad y su praxis, construcción del conocimiento. En este sentido, la Agroecología necesita abarcar la naturaleza como un todo trayendo presente los elementos históricos, químicos, físicos, biológicos entre otros, pues está volcada la realidad de las familias y los educandos. La investigación, de naturaleza cualitativa, tuvo como metodología la Investigación colaborativa (IBIAPINA, 2008) y se dio en cuatro etapas: Reconocimiento de la realidad, a través del Proyecto Político Pedagógico del colegio; Cuestionario con los profesores; Entrevista con la profesora del 6º año y la Acción colaborativa, que se dio en dos momentos (planificación y aplicación de la clase). Como resultados, se percibe que la escuela del campo debe avanzar más en cuestión la formación de los / las educadores, dando más énfasis en clases que busquen dialogar con el conocimiento de los educandos y de la comunidad, y también con los contenidos e incluso pensar estrategias y metodologías que incluyan a los educandos en las clases. Durante la realización de este trabajo, fue posible obtener varios aprendizajes, incluso el refuerzo del deseo de actuar como educadora en escuelas del / en el campo en las que hay necesidad de una educación en la que los estudiantes se sienten parte de este espacio y que no desestructuren la raíz campesino.

**Palabras clave:** Educación del Campo; agroecología; Educación básica.



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ENERA: Encontro Nacional dos/as Educadores/as da Reforma Agrária

PRONERA: Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

MST: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

CECOPAM: Centro Comunitário de Proteção Alimentar Padre Miguel

PAA: Programa de Aquisição de Alimentos

PNAE: Programa Nacional de Alimentação Escolar

## SUMÁRIO

<b>2.1 O QUE É AGROECOLOGIA?</b> .....	12
<b>2.2 REFLETINDO SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO</b> .....	15
<b>2.3 PRÁTICAS ESCOLARES NAS ESCOLAS DO CAMPO</b> .....	16
<b>CAPÍTULO 3: RECONHECIMENTO DA REALIDADE</b> .....	19
<b>3.1 ASSENTAMENTO CONTESTADO e agroecologia</b> .....	19
<b>3.2 COLÉGIO DO CAMPO CONTESTADO</b> .....	21
<b>CAPÍTULO 4: METODOLOGIA</b> .....	28
<b>CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	30
<b>5.1 POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES DO CURRÍCULO PARA ABORDAGEM DA AGROECOLOGIA</b> .....	37
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
<b>7. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	41

## 1. INTRODUÇÃO

A Educação do campo, conquista da luta dos movimentos sociais, tem uma imensa importância na fortificação das nossas raízes enquanto sujeitos camponeses. Nesse sentido, a escola do campo é a principal ferramenta na construção e na formação do sujeito, para lutar por seus direitos e poder transformar sua difícil realidade. Dessa forma, o currículo e as práticas escolares realizadas nas escolas do campo necessitam estar vinculadas a realidade das comunidades nas quais se encontra e na luta pelo fortalecimento dos povos do campo.

Entende-se nesse trabalho que a Agroecologia é uma possibilidade não somente de suprir primeiramente as necessidades do produtor camponês, mas visa a proteção e preservação do meio ambiente, a convivência, a troca de saberes, a ajuda ao próximo. A produção agroecológica procura entender/perceber o que o solo, o clima, as plantas e os indicadores representam por meio de sua ação, pois se aparece planta indicadora, é porque ali existe algum desequilíbrio e necessita de alguns nutrientes para superar as fragilidades da terra. A Agroecologia, portanto, se torna uma ferramenta para diminuir as defasagens históricas vividas no campo.

Considerando que a Agroecologia tem importância central na construção dos sujeitos do campo, a presente pesquisa foi realizada no Colégio Estadual do Campo Contestado (Lapa – PR), localizada no Assentamento do Contestado, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Em 1999 foram assentadas 108 famílias na região, as quais eram oriundas de vários lugares do estado do Paraná, mas mesmo sendo um assentamento ainda persistia a falta de reconhecimento dos sujeitos, e não havia escola no local. Ao longo de muita luta e persistência das famílias assentadas foi conseguido através de projetos a construção da estrutura física do prédio da Escola Municipal do Campo Contestado e nesta mesma estrutura também está em funcionamento o Colégio Estadual do Campo Contestado com o Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

A partir desse contexto, a pesquisa buscou responder a seguinte questão: *Como as práticas escolares e os conteúdos curriculares da escola vem abordando os conhecimentos agroecológicos?* Para tanto, teve como objetivo geral analisar as possibilidades da construção do currículo da escola do campo com base nos conhecimentos agroecológicos, considerando os conteúdos abordados e as práticas

escolares em uma turma do 6º ano do Colégio. Como objetivos específicos, foram definidos quatro:

1. Realizar um diagnóstico do Assentamento do Contestado e do Colégio Estadual Contestado.
2. Mapear os conteúdos curriculares do 6º ano do Colégio, a fim de identificar as possibilidades de relação com a agroecologia.
3. Construir, em parceria com a professora, planejamentos de aulas que abordem conteúdos e práticas agroecológicas.
4. Identificar as potencialidades e fragilidades do currículo e das práticas escolares da escola do campo para a abordagem da agroecologia.

Na fundamentação teórica (Capítulo 2) foram discutidas como principais temáticas para compreender o objeto do trabalho: Compreensão do que é a Agroecologia (GLIESSMAN, 2000 IN DOMINIQUE: 2012; RIBEIRO ET AL.; 2017; MACHADO, 2014), Reflexões sobre a luta da Educação do campo e as práticas escolares das escola do campo (KOLLING; NERY; MOLINA, 1999; CALDART, 2012; MOLINA; SÁ, 2012).

Considerando a importância de compreender a realidade pesquisada, buscou-se no Capítulo 3 apresentar brevemente a história e algumas características do Assentamento do Contestado e do Colégio em questão.

A metodologia (Capítulo 3) utilizada foi a Pesquisa colaborativa, que segundo Ibiapina (2008, p. 25) “faz com que professores e pesquisadores produzam saberes, compartilhando estratégias que promovem desenvolvimento profissional”. Esse tipo de pesquisa surge, segundo a autora, como alternativa para o desenvolvimento de estudos considerados emancipatórios, já que “é atividade de co-produção de conhecimentos e de formação em que pares colaboram entre si com o objetivo de resolver conjuntamente problemas que afligem a educação” (IBIAPINA, 2008, p. 26), no caso deste estudo, a necessidade da abordagem da Agroecologia na escola do campo como forma de resistência.

Como último movimento, no Capítulo 5 foram analisados os dados coletados e apresentadas as fragilidades e potencialidades da abordagem da Agroecologia nas escolas do campo.

## CAPÍTULO 2: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O QUE É AGROECOLOGIA?

Para iniciar a reflexão do trabalho, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra produziu várias músicas referentes a educação do campo, que demonstra a educação que almejamos enquanto lutadores da classe trabalhadora. O trecho abaixo fala sobre os nossos direitos referentes as lutas pela educação e escola, assim como das marcas deixadas para a construção desta luta por uma educação construída com muita garra e coragem:

*Dessa história  
nós somos os sujeitos  
lutamos pela vida  
pelo que é de direito  
as nossas marcas  
se espalham pelo chão  
a nossa escola  
ela vem do coração.*

(Trecho da música de Gilvan Santos)

Para entender a Agroecologia é necessário buscar a história da agricultura nos moldes de produção capitalista, compreendendo como nossos antepassados produziam e como com o passar dos anos a agricultura foi se modificando de acordo com os interesses do capital, trazendo consigo grandes catástrofes ambientais assim como também prejuízos muitas vezes irreversíveis na saúde de todos os seres vivos.

A produção em larga escala tem influenciado a perda da cultura da produção, pois a maioria das famílias não produz mais para sua subsistência, como nos tempos de nossos ancestrais. A produção primeiramente vinha com a intenção de suprir com as necessidades da família. Hoje as famílias produzem primeiramente para vender e somente o que sobra fica para o consumo da mesma. Os produtos de sua produção nem sempre sobram ou são deixados para o consumo da própria família, assim conseguimos perceber as contradições existentes em nosso meio de produção, pois primeiramente devemos produzir em diversas quantidades, qualidades e espécies para o suprimento das necessidades da família.

Segundo Gliessman (2000), a Agroecologia nasce como uma disciplina específica que estudava os agroecossistemas em meados da década de 1930,

como sinônimo de ecologia aplicada à agricultura. Altieri in Ribeiro et al. (2017) ressaltam que a agroecologia deve ser caracterizada como disciplina, uma vez que:

através dela pode se estudar vários conceitos e estruturas da natureza podendo desenhar e redesenhar os agroecossistemas. Pode ser concebida como uma ciência emergindo a busca de superar o conhecimento fragmentado, favorecendo uma abordagem integrada, pois o conhecimento se fortalece mediante a interação com as disciplinas (ALTIERI in RIBEIRO et al., 2017, p. 24).

A Agroecologia é uma ciência que estuda a relação ser humano e natureza, pois compreende-se que nós estamos ligados e interligados com a natureza, pois somos natureza. Nesse sentido, a Agroecologia tem um papel fundamental na vida para o ser humano, para a fauna e para a flora, pois é através dela que exercitamos as experiências de nossos antepassados como aponta Machado (2014, p. 37):

A agroecologia, como nos compreendemos, dispõe dos conhecimentos para superar a monocultura a quebra da biodiversidade, consequências inexoráveis do agronegócio. Assim como se pode, através dela, resgatar a cidadania dos pequenos pode-se também produzir alimentos limpos na escala que a humanidade demanda, naturalmente, com outros métodos.

A transição para a Agroecologia pode ser considerada muito complexa, pois para realiza-la é necessário desconstruir o modo de visão de produção capitalista que visa somente o lucro. Ribeiro et al. (2017) nos faz compreender melhor essa questão:

A transição agroecológica é a passagem da maneira convencional de produzir com agrotóxicos e técnicas que agredem a natureza, para novas maneiras de fazer agricultura, com tecnologia de base ecológica, buscando proporcionar de maneira integrada a produção agrícola, o respeito e a conservação da natureza, sem esquecer jamais da meta de proporcionar uma melhor qualidade de vida às pessoas, sejam elas consumidoras ou produtoras agrícolas. (RIBEIRO et al., 2017, p. 61)

Entende-se que para iniciar a transição para a Agroecologia primeiramente é necessário mudar completamente a visão capitalista de produzir em grandes extensões de terra, destruir o conceito que “pegar no cabo da enxada já está ultrapassado” e entender que as grandes produções de soja, milho, cana de açúcar e criação de gado tem devastado terras, causando degradações, erosões e contaminações e desigualdades. Segundo Ribeiro et al. (2017), para fortificar a transição agroecológica,

Existe alguns fatores capazes de influenciar na transição agroecológica externa são: consciência pública, organização, mercados e infraestrutura; mudanças no ensino, pesquisa e extensão rural; legislação, e reforma. (RIBEIRO et al., p. 62, 2017)

Não podemos achar que iremos mudar o mundo todo de uma vez, mas temos que ser exemplo para o mundo pois se começarmos mudando o quintal da nossa casa já estamos realizando uma grande mudança e aos poucos vamos avançando para a completa transformação. Sendo assim, para uma produção ser completamente agroecológica é necessário que o produtor desenvolva um método para produzir todos os nutrientes necessários para a sustentação da terra, para que não seja necessário ter que comprar nenhum tipo de suplemento para a propriedade em cooperativas, vizinhos entre outros, ele deve ser totalmente independente. Na Agroecologia compreende-se que a comercialização do excedente deve ser realizada de forma justa com o comprador, fugindo da lógica gananciosa que envolve o modo de produção capitalista.

No que se refere a aprendizagem dos educandos utilizando a Agroecologia na escola, destaca-se a relação necessária entre os conhecimentos teóricos e práticos, conteúdos esses interdisciplinares e multidisciplinares. Ela precisa abranger a natureza como um todo trazendo presente os elementos históricos, químicos, físicos, biológicos entre outros, pois está voltada á realidade das famílias e educandos. Sobre essa questão, Ribeiro et al. (2017, p. 12) destaca que:

Estudar Agroecologia é uma forma de conhecer e ser capaz de construir novos processos de produção que questionam a lógica consumista do capitalismo, pois a Agroecologia coloca a dimensão ecológica da vida no âmbito das famílias, nas suas relações internas e do seu fazer agrícola, sendo uma forma de reconstruir ecologicamente e agricultura e as relações sociais.

É importante elencar que, quando trabalhamos com a realidade do campo na escola, fortalecemos as nossas raízes camponesas, pois trabalhamos com fatos reais da vida cotidiana dos estudantes, trazendo nos debates a importância da escola e comunidade estarem unidas nos processos de transições agroecológicos.

## 2.2 REFLETINDO SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Com o passar do tempo foi-se percebendo que era necessário construir um novo método de educação, uma educação diferenciada que desse conta de abordar a realidade da vida no campo. Ao observar os modos de produção existentes nos assentamentos e também nas discussões realizadas pelo MST, é possível identificar a grande influência na vida e no aprendizado dos educandos, pois eles estão contribuindo na produção juntamente com sua família e adquirindo novos conhecimentos que influenciam sua aprendizagem em sala de aula. Nesse sentido, ele tem a oportunidade de socializar com os demais colegas os conhecimentos diferenciados existentes em sua família, não deixando apagar os saberes culturais das comunidades. A educação do/no campo emergiu dessa percepção da necessidade do povo camponês e de seu fortalecimento enquanto sujeito de direitos.

Para entender a educação do campo é necessário entender como ela desabrocha em nossa realidade. O surgimento da expressão “Educação do Campo” pode ser datado. Nasceu primeiro como Educação Básica do Campo no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998. Passou a ser chamada Educação do Campo a partir das discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro 2002, decisão posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho de 2004 (CALDART, p. 260, 2012).

A partir de então, passou-se a utilizar a expressão campo, e não mais usual, meio rural, com o objetivo de incluir no processo da conferência uma reflexão sobre o sentido atual do trabalho camponês e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantir a sobrevivência desse trabalho. Mas, quando se discutir a educação do campo, se estará tratando da educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, sejam os camponeses, incluindo os quilombolas, sejam as nações indígenas, sejam os diversos tipos de assalariados vinculados à vida e ao trabalho no meio rural (KOLLING; NERY; MOLINA, 1999, p. 26 in CALDART, 2012).



A realidade que produz a educação do campo não é algo novo, pois ela é um modo de enfrentamento no qual nos fortificamos enquanto classe trabalhadora e camponesa. Tem como intuito fortalecer também que o povo camponês tem e deve ter o acesso a educação sem limites, pois não podemos estar calados sem ter o acesso a educação como um todo desmistificando o modo de educação capitalista e tradicional (CALDART, 2012, p. 261).

No decorrer da história da luta pela educação do campo um dos principais objetivos é a universalização do direito do camponês à educação como um todo. Com a luta houveram muitos avanços, a comunidade está mais presente e participativa juntamente com as equipes escolares, pois para ser uma educação do campo e emancipadora a comunidade e escola devem estar na luta juntos e assim vice-versa.

A educação do campo é e deve ser uma educação pensada e realizada através da população interessada, como nos diz Caldart (2012, p. 257):

A educação do campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas.

A educação do campo não pode estar desligada da realidade vivenciada pelos educandos e comunidades sendo que estas devem estar interligadas, pois como nos diz, no campo “o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive” (KOLLING, CERIOLI CALDART, 2002, p. 26), e do campo: “o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais” (ibid.), assumida na perspectiva de continuação da “luta histórica pela constituição da educação como um direito universal” (ibid.), que não deve ser tratada nem como serviço nem como política compensatória e muito menos como mercadoria.

### **2.3 PRÁTICAS ESCOLARES NAS ESCOLAS DO CAMPO**

A escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da Educação do campo, a partir das experiências de formação humana desenvolvida no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação (MOLINA; SÁ, 2012, p. 324).

Esta escola do campo assim denominada é a busca do enraizamento da classe trabalhadora em sua realidade e também o de superação do sistema do capital. A causa principal desta escola é a luta pela igualdade e a garantia de que todos e todas da classe trabalhadora tenham o acesso e o direito a escolarização.

Um papel fundamental da escola do campo é contribuir na formação do sujeito seja no coletivo ou no indivíduo, por isso a escola do campo é a principal ferramenta na construção e na formação do sujeito.

Isso significa que a escolarização em todos os níveis deve promover o conhecimento sobre o funcionamento da sociedade, sobre os mecanismos de dominação e subordinação que a caracterizam, e sobre o modo de integração da produção agrícola neste projeto de sociedade, a partir do complexo sistema de relações e de mediações que constitui o processo de desenvolvimento rural. (MOLINA; SÁ, 2012, p. 325).

Com o desenvolvimento das cidades, aos poucos foi sendo desconstruída e descaracterizada a escola do meio rural. Muitas delas foram fechadas deslocando os estudantes de sua realidade para a área urbana, nas quais estes enfrentavam e ainda hoje enfrentam várias situações constrangedoras e até mesmo preconceito, causando assim muitas evasões escolares.

As dificuldades enfrentadas pelos educandos do campo são diversificadas pois dependem muito do espaço, da necessidade de deslocamento do estudante do campo para a cidade para que possa frequentar a escola. Este já é um processo de desconstrução da identidade do educando, configurando-se em uma das formas de fortificação do interesse do capital, pois os gastos e investimentos na educação nesse caso são “menores”.

Para o capitalismo não é vantagem que os estudantes frequentem as aulas em seus locais de origem, pois é mais interessante desconstruir a identidade camponesa formando assim sujeito para servir o mercado de trabalho. Nesse sentido, percebemos que ao longo da história as políticas educacionais brasileiras têm mantido uma lógica de “escola” que não atende as necessidades reais da classe trabalhadora. Sendo necessária para esta Classe uma educação emancipatória, transformadora, com acesso e construção do conhecimento com base na realidade dos sujeitos, que contrapõe a escola capitalista que quer instrumentalizar os trabalhadores.

Ressalta-se que neste trabalho a escola está entre aspas com o intuito de questioná-la nos padrões atuais, pois escola como entendemos deve ser um espaço no qual o conhecimento seja algo primordial, pois é através deste que podemos enxergar novos horizontes. É preciso uma “escola” que emancipe, questione e forme sujeitos capazes de interferir em sua realidade.

Nesta perspectiva, uma educação voltada para a realidade do meio rural é aquela que ajuda a solucionar os problemas que vão aparecendo no dia-a-dia do acampamento e do assentamento, que forma sujeitos construtores de alternativas de permanência no campo e de melhor qualidade de vida para esta população. (PPP, p.28,2011)

Neste sentido a escola capitalista em parceria com o Estado encontra formas de adentrar com materiais “pedagógicos” dentro das escolas camuflando suas idealizações, vestindo roupagens para influenciar o estudo. Um exemplo disso é a “Coleção Agrinho”, com suas páginas coloridas influenciando o olhar as figuras e não o conteúdo. Esse tipo de manifestação nos materiais de apoio do professor não contempla os saberes populares, a realidade, a construção coletiva, a criticidade, enfatizando o tecnicismo, os conhecimentos científicos com olhar positivista, alienador e manipulador de massas para a produção da mão de obra que não questione, apenas obedeça. Como nos diz a música citada no Epígrafe desse trabalho, “Educação do campo do povo agricultor, precisa de uma enxada de um lápis, de um trator, precisa educador pra trocar conhecimento, o maior ensinamento é a vida e seu valor”. Esta música deixa bem visível o que idealizamos como educação do campo pois a educação não somente acontece dentro da sala de aula e sim em todos os espaços já nos dizia Freire (1996).

Tem-se fortificado debates para a construção desta educação a qual para nós, sujeitos do campo, deve ser uma educação emancipadora, transformadora e inclusive do/no campo. Nessa perspectiva, a educação acontece em todos os espaços seja na roça, na cidade, sala de aula ou até mesmo embaixo de uma árvore, pois é através de nossas ações que compreendemos que “a educação é mais do que a escola” (RIBEIRO, 2017, p.13).

## **CAPÍTULO 3: RECONHECIMENTO DA REALIDADE**

### **3.1 ASSENTAMENTO CONTESTADO E AGROECOLOGIA**

Compreendendo que na Educação do campo a compreensão da realidade é fator fundamental, foi realizado um breve diagnóstico do Assentamento do Contestado e do Colégio Estadual Contestado, a partir do Projeto Político Pedagógico (PPP).

Em 07 de fevereiro de 1999 ocuparam a antiga fazenda Santa Amélia 38 famílias oriundas de vários lugares do município da Lapa, Balsa Nova e também de outros lugares do Estado do Paraná, estas famílias enfrentaram muitos desafios para que seus filhos estudassem, pois não eram considerados e nem reconhecidos como cidadãos Lapeanos pelo prefeito da época.

Em 1999 foi decretado que a fazenda seria um assentamento, e nesta então foi assentadas 108 famílias as quais eram oriundas de vários lugares do estado do Paraná, mas mesmo sendo um assentamento ainda persistia a falta de reconhecimento dos então assentados, sendo necessário a realização de acampamento dos educandos em frente a prefeitura da cidade da Lapa ao qual o assentamento é município. Com esta luta conseguiu-se transporte escolar para os educandos que estudavam no ensino fundamental e médio e também o funcionamento de uma escola provisória sendo extensão de uma outra escola do município.

Ainda assim os educandos enfrentavam dificuldades para estudar, pois as estradas eram ruins, o ônibus ficava encalhado e os/as estudantes tinham que retornar para suas casas a pé, muitas vezes chegavam em casa todo molhado e com os materiais para continuar seu estudo todo molhado e muitas vezes sem condições de continuar usando-os. As dificuldades foram diversas, mas com muita luta e persistência hoje as condições de estudo para os educandos deste assentamento são melhores.

Ao decorrer dos dias e anos as famílias assentadas foram conseguindo através de projetos a construção da estrutura física do prédio da Escola Municipal do Campo Contestado e nesta mesma estrutura também está em funcionamento o

Colégio Estadual do Campo Contestado com o ensino Fundamental fase II e ensino Médio.

Entende-se que também com a luta por uma educação diferenciada conseguiu-se que no nome do colégio e da escola tivesse a nomeação do CAMPO pois é um direito do povo camponês.

Segundo a pessoa responsável pelo setor administrativo da Cooperativa de Agroindústria e Comercio Terra Livre, dentre as muitas lutas, uma delas foi o entendimento dos assentados sobre a importância da construção da cooperativa, pois achavam que se não produzissem agroecológico seriam excluídos da mesma. O critério para a filiação na cooperativa era que todos deveriam estar vinculados a um grupo de famílias e ter mais que 16 anos, pois a cooperativa somente receberia e recebe produtos produzidos de forma agroecológica.

Uma das grandes contradições que encontramos nesse dilema, é o modelo de produção, enquanto muitos zelam pela saúde, vida e proteção do todo, outros dizem ser inviável pois o “orgânico não produz” e então isso seria perda de tempo.

Mas a luta não parou mesmo com muitas contradições no modo de produção. Foi construído o prédio da cooperativa onde recebem os produtos entregues pelas famílias assentadas, para serem distribuídos para determinados projetos, como Merenda escolar, PAA, PNAE. Segundo o responsável, o prédio foi construído através de contribuição voluntária, contribuição por valor simbólico e dos 10% retidos das entregas dos cooperados.

Em seguida, iniciou a filiação das pessoas que seriam os/as cooperados/as com 77 filiados/as, hoje são 213 filiados entre assentados/as, filhos/as de assentados/as, faxinalenses e quilombolas. Mas é interessante que nem todos os/as filiados/as produzem somente produtos agroecológicos, mas sabendo do critério da cooperativa realizam barreiras e produzem de forma agroecológica para poder realizar as entregas do produtos. Com o passar do tempo as pessoas começaram a entender que era um critério da cooperativa o recebimento de produtos agroecológicos e não uma forma de excluir ninguém.

Os produtos recebidos pela cooperativa são distribuídos para os seguintes projetos: PAA, PNAE e cestas, os produtos são entregues *in natura* ou beneficiados para o CECOPAM. Para as cestas os produtos somente são beneficiados quando há pedidos.

A relação da cooperativa com as escolas e colégio desta localidade tem uma enorme importância, como exemplo a Escola Latino Americana de Agroecologia (ELAA) disponibiliza a Ciranda Infantil para os filhos dos trabalhadores da cooperativa e também dos filhos /as dos educadores e funcionários que trabalham na escola municipal do Campo Contestado e do Colégio Estadual do Campo Contestado. Através da Cooperativa o colégio Estadual do Campo Contestado recebe produtos do PNAE, mas também existem outras relações entre cooperativa e colégio, pois os profissionais que contribuem na cooperativa também contribuem com algumas atividades formativas como por exemplo algumas oficinas referentes a produção agroecológica e outros temas referente a produção.

### 3.2 COLÉGIO DO CAMPO CONTESTADO<sup>1</sup>

O Colégio Estadual Contestado – Ensino Fundamental e Médio foi fundado em 08 de fevereiro de 2011. Seu primeiro ano de funcionamento contou com apenas uma turma de 5<sup>a</sup>, uma de 6<sup>a</sup>, uma de 7<sup>a</sup>, uma de 8<sup>a</sup> série no Ensino Fundamental e uma turma de 1<sup>o</sup>, uma de 2<sup>o</sup> e uma de 3<sup>o</sup> ano do Ensino Médio. Neste mesmo ano (2011) inicia-se a implantação do Sistema Estadual de Ensino com oferta do Ensino Fundamental anos finais de 9 anos. Devendo ser implantado em todas as instituições do 6<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup> ano. A implantação é mantida pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Hoje o funcionamento do Colégio dá-se no período vespertino e noturno, atendendo a um total de 73 alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e Médio de forma seriada e anual com atividades presenciais, contando com sete turmas divididas da seguinte forma:

Ensino Fundamental:

Número de Turmas	Número de Alunos
01 – 6 <sup>o</sup> ano	14
01 – 7 <sup>o</sup> ano	10
01 – 8 <sup>o</sup> ano	09
01 – 9 <sup>o</sup> ano	13

<sup>1</sup> As informações contidas nesse item foram retiradas do PPP do Colégio Contestado (2011).

Total	46
-------	----

Ensino Médio:

Número de Turmas	Número de Alunos
01 – 1ª série	12
01 – 2ª série	10
01 – 3ª série	06
Total	28

O Colégio Contestado, dispõe de uma estrutura física, com 5 salas de aula, biblioteca, laboratório de informática, cozinha, refeitório, (02) banheiros masculinos e (02) feminino, sala de direção, coordenação pedagógica e secretaria, professores(as), almoxarifado. A deficiência na estrutura física é a falta de um espaço para a prática das aulas de Educação Física, hoje elas acontecem num pedaço de campo no entorno do colégio. Não temos laboratório de física, química e biologia. A biblioteca possui um bom acervo bibliográfico, porém ainda necessitamos de mais livros para atender as diferentes demandas existentes.

Houve uma forte indisposição do governo municipal da época quanto à organização da escola municipal de Ensino Fundamental no assentamento, todavia as famílias se colocaram firmemente com esta reivindicação dando início a escolarização dos anos iniciais do Ensino Fundamental com educadores voluntários já no primeiro mês da ocupação em locais improvisados e até que em 2003, a escola local foi reconhecida com a aprovação do seu Projeto Político Pedagógico, através do Parecer Nº 403/03 de 14 de março de 2003, denominando-a Escola Municipal de Ensino Fundamental Contestado. Por este instrumento formal, a Secretaria de Estado da Educação a reconheceu, todavia a Secretaria Municipal da Educação subordinou-a como extensão da Escola Arthur de Costa e Silva da localidade do Feixo.

A Escola Contestado atendia em média 50 (cinquenta) crianças e era mantida pela Prefeitura Municipal quanto a pessoal e materiais didáticos, contudo faltava a construção do prédio escolar.

No âmbito da educação, as famílias conquistaram o direito ao transporte escolar para os/as educandos/as dos demais níveis de escolarização que seguiam até as escolas do Distrito de Mariental e área urbana da Lapa, cumprindo diariamente percursos de 60 km. O conjunto do público estudantil percorria a pé 3 km em média até o ponto do ônibus, sendo que alguns chegavam a caminhar 5 km.

Em fevereiro de 2011 uma nova conquista da comunidade do Assentamento Contestado, pois se iniciava o Ensino Fundamental para as séries finais e Ensino Médio, denominado Colégio Estadual Contestado, sendo designado como Diretor o Professor Samuel Antônio da Silva, funcionando em local improvisado por dois anos, passando depois para um prédio com dualidade administrativa estadual/municipal, permanecendo atualmente dessa forma. Em junho de 2012, por desejo de toda a comunidade escolar a referida Instituição de Ensino passou a denominar-se Colégio Estadual do Campo Contestado.

No início do ano letivo de 2012 foi implantado o Ensino Fundamental de 9 anos através da Resolução nº 07/2010 – CNE/CNB, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos.

O dia escolar é organizado em tempos educativos. Assume-se aqui a possibilidade de educação em tempo integral. A possibilidade de permanência do/a educando/a por um tempo maior na escola, para além do tempo dedicado as aulas das disciplinas se justificam desde o indicativo da educação integral, algo que pressupõe e formação omnilateral dos estudantes. E de fato, a execução do conjunto dos tempos educativos conforme está sendo proposto, apenas se viabilizará mediante a garantia de um tempo mais alongado na escola.

Nem todos os tempos educativos acontecem todos os dias e seu planejamento deve ser feito de comum acordo com os educadores e os núcleos setoriais. Os tempos sugeridos são:

- **Tempo formatura:** é um momento coordenado pelos núcleos setoriais da escola. Neste tempo educativo, toda a coletividade se encontra para vivenciar a mística. Ocorre a conferência dos núcleos e das turmas com as suas palavras de ordem, é entoado o hino, música ou mesmo são realizadas apresentações previamente



agendadas. E neste tempo são feitos os informes necessários a cada dia e a equipe responsável pela vivência da mística na coletividade desenvolve esta atividade.

- **Tempo trabalho:** este tempo educativo está organizado para implementar a organização do trabalho e envolve toda a coletividade, pois cada um tem sua responsabilidade diária para com algum aspecto da escola. É organizado pelo núcleo Setorial de apoio ao ensino em articulação com os educadores/as e os núcleos setoriais de trabalho, saúde e cultura. A intencionalidade deste tempo é exercitar uma divisão social do trabalho em que se estabelece uma interdependência entre a necessidade do trabalho de cada um e a continuidade da vida da coletividade. Se alguém não faz a sua tarefa, algo falta na coletividade, pois os produtos do trabalho são apropriados coletivamente. Esta atividade não substitui o trabalho dos trabalhadores/as permanentes da escola, contratados para tal. Importante lembrar que o tempo trabalho também está associado, na dependência das idades dos estudantes, ao trabalho socialmente necessário externo à escola. Também o trabalho tem como objetivo a auto-organização dos estudantes e tornar viva na escola a práxis, que é a relação teoria e prática dos conteúdos relacionados. O trabalho útil educa, pois dá significados aos conteúdos.

- **Tempo leitura:** este tempo educativo se organiza a partir das leituras planejadas para cada turma, portanto é um tempo organizado por turma (com suas especificidades e objetivos). Visa construir o gosto e a disciplina pela leitura. Em alguns momentos é feita a implementação através de leitura em grupos para exercitar a leitura e garantir que seja feita; em outros momentos, efetiva-se em momentos coletivos na biblioteca, ou ainda em forma individual através de planejamento individual socializado e acompanhado pelo núcleo setorial de apoio ao ensino, através dos registros feitos desta leitura, que podem ser feitos de forma variada em resumos, reflexão escrita sobre a temática ou ainda, em debate de verificação da leitura, com questões orientadas. Neste tempo também pode ser feita a leitura da edição do jornal da escola.

- **Tempo aula:** tempo diário destinado à execução das disciplinas do planejamento curricular, conforme cronograma das aulas. Este tempo educativo está sob responsabilidade dos educadores/as e do núcleo setorial de apoio ao ensino. É o maior tempo educativo, devendo respeitar as determinações oficiais sobre ele. Prioritariamente, este tempo pode acontecer mesclado aos demais tempos educativos, com aulas acontecendo tanto no período da tarde quanto nos períodos da manhã ou

da noite. Este tempo não se limita, em sua execução, ao conceito de aula normalmente utilizado na escola clássica podendo incluir excursões, aulas passeio, estudo de campo entre outros.

- **Tempo oficina:** tempos destinado às atividades que contribuem no processo de ensino e aprendizagem acerca da cooperação, de habilidades manuais, cognitivas, motoras entre outras. Neste tempo podem ser devolvidas oficinas de artesanato, de danças, de esportes, de ginástica, de construção de materiais (brinquedos, materiais didáticos, etc.) de música e outras possibilidades. Inclui também trabalhos mais elaborados com metal e madeira que permitem exercitar a organização científica do trabalho. A execução de cada oficina é mediada de acordo com a disponibilidade e com a capacidade de cada responsável, sendo dirigida tanto pelos educandos/as, pelos educadores/as da escola, por voluntários da comunidade ou por convidados/as.

- **Tempo dos Núcleos Setoriais:** tempo educativo que acontece semanalmente e faz parte do processo de gestão da coletividade. Está previsto no plano de formação com as seguintes intencionalidades: uma reunião para discussão de pontos internos do Núcleo Setorial como questões de acompanhamento dos seus membros, planejamento da coordenação do Tempo Abertura e outros tempos, em especial para planejar o tempo trabalho na escola. É uma reunião com o objetivo de discutir sobre os diversos aspectos relevantes da vida na escola, desde a organização da escola, funcionamento dos núcleos, estruturas físicas, reivindicações e proposições, ou seja, constituir neste espaço o núcleo de base.

O Colégio Estadual do Campo Contestado tem trabalhado com o ensino aprendizagem de acordo com os Complexos de estudos, que contribui com a auto-organização dos estudantes e melhora o desempenho na aprendizagem. Segundo Caldart (2015), os complexos de estudos, formulação mais recente do MST que ainda está em fase de experimentação, são uma maneira de organizar o plano de estudos de alguma escola, de maneira que articule um conjunto de categorias da educação do campo na perspectiva do trabalho pedagógico com o conhecimento. A autora ressalta que nos complexos busca-se

juntar uma construção teórica originária da didática socialista do período da revolução russa, cujo princípio é de articulação entre teoria e prática, com a autocrítica desse processo feita pelos seus próprios criadores (Freitas, 2009 e 2010) e a autocrítica presente em muitas escolas de assentamentos e acampamentos sobre os limites de conseguir articular de forma adequada, e

respeitando a especificidade de cada processo, o estudo dos conteúdos de ensino, a inserção em práticas sociais e as diferentes dimensões da formação do ser humano que o trabalho educativo precisa dar conta (CALDART, 2015, p. 16).

Tanto a Escola do Campo Contestado quanto o Colégio Estadual do Campo Contestado não aceitaram a disponibilização de materiais disponível que é a coleção Agrinho, neste caso a escola organizou um ofício explicando o porquê não aceitariam este material em nossa escola e assim também o colégio fez.

Segundo Rossi e Vargas (2017) a coleção Agrinho, de modo geral, apresenta uma série de debates e reflexões que buscam conectar espaços urbanos com a dinâmica social agrária. Mas, de acordo com os autores, a abordagem é muito simplista, contribuindo para a reprodução das relações sociais capitalistas tanto no campo como nas cidades. Os autores ressaltam que

podemos afirmar que o Agrinho é uma expressão ideológica da ideologia capitalista dominante. Em nenhum momento é tratada a questão dos movimentos sociais, da luta pela terra, do uso intensivo dos agrotóxicos, da relação do agronegócio com as desigualdades sociais e a destruição ecológica, enfim, em nenhum momento os reais interesses da classe trabalhadora - tenha ela consciência ou não disto - são plenamente tratados. Ao contrário, há sim, neste material didático, uma ideologia fundamentalmente calibrada e em sintonia com os interesses de classe burguesa. (ROSSI; VARGAS, 2017, p. 222)

A escola deve estar aberta a contextualização da realidade, trazendo os pilares fundamentais para a aprendizagem dos/as educandos/as, para que possamos compreender um pouco mais vejamos como diz Maier (2016, p. 5):

Para nós os dois pilares, da educação e agroecologia, têm sido intensamente discutidos e motivo de muitas e muitas discussões importantes e contraditórias. E intrínsecas a estes se agregam a saúde, a cultura, a comunicação e o lazer.

Quando o colégio do Contestado se coloca para trabalhar com as práticas agroecológicas pode-se dizer que:

falar em agroecologia não é somente não usar agrotóxicos ou outros produtos químicos, mas pensar a produção da vida a partir de outros paradigmas: da diminuição do consumo, da produção de alimentos saudáveis, do plantio de florestas nativas e frutíferas, recuperar as variedades de sementes crioulas, cultivar a biodiversidade, fazer a cooperação, enfim construir outras relações entre o ser humano e a natureza. (MAIER, P 15, 2016)

Nesse sentido, para que haja mais relação entre a escola e o assentamento, percebe-se a necessidade de uma formação com os pais e familiares dos estudantes, assim como também realizar uma pesquisa e estudos em conjunto das causas, contradições, consequências, limites e potencialidades dos diversos meios de produção existentes nesta realidade.

## CAPÍTULO 4: METODOLOGIA

A metodologia adotada foi a pesquisa-ação, mais especificamente a Pesquisa colaborativa (IBIAPINA, 2008), que visa aproximar duas dimensões da pesquisa em educação: a formação de professores e a produção de saberes, o que privilegia a pesquisa e ao mesmo tempo a formação. Dessa forma, a Pesquisa colaborativa é uma prática que se volta para a resolução dos problemas concretos, especialmente aqueles vivenciados na escola, contribuindo com a disseminação de atitudes que motivam a co-produção de conhecimentos voltados para a mudança da cultura escolar e para o desenvolvimento profissional dos professores e estudantes.

Para o **diagnóstico da realidade**, no intuito de reconhecer e compreender o contexto pesquisado, além das conversas informais, foram realizadas pesquisas e estudos de trabalhos acadêmicos que tem como foco de análise o Assentamento do Contestado e o Colégio pesquisado, já citados nos capítulos anteriores.

Para **coleta de dados** foram realizados questionários com os professores do colégio, estudo do PPP e uma entrevista com a professora selecionada. Dessa forma, a metodologia para coleta dos dados foi dividida em 3 etapas:

- **ETAPA 1: ESTUDO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO:** A pedido, o Colégio disponibilizou o PPP para estudo. Em um primeiro momento o PPP foi lido e os dados da escola, como estrutura e histórico da instituição, foram utilizados para compor o reconhecimento da realidade.

- **ETAPA 2: QUESTIONÁRIO:** O questionário foi elaborado com o objetivo de identificar quais professores da escola buscam abordar os conhecimentos agroecológicos em suas aulas. De um total de 15 questionários, retornaram 5 dos professores das disciplinas de filosofia (P1), língua portuguesa (P2), ciências/biologia (P3), química (P4) e física (P5). Os dados levantados nos questionários foram classificados em 4 categorias: Percepção sobre a agroecologia, Abordagem da agroecologia nas aulas, Conteúdos da agroecologia e Planejamento das aulas.

- **ETAPA 3: ENTREVISTA:** A entrevista foi realizada com a única professora que no questionário relatou abordar ou buscar abordar conteúdos agroecológicos em suas aulas. As perguntas foram formuladas a partir dos objetivos da pesquisa e compiladas em três questões básicas:

1. O que é agroecologia pra você?

2. Quais os conteúdos que contemplam a possibilidade da abordagem da Agroecologia?

3. Quais metodologias você acredita que possibilitam trabalhar com a agroecologia?

Na segunda parte do trabalho foi realizada a **ação colaborativa** no intuito de compreender e colaborar com as práticas escolares da professora. A mesma professora que foi selecionada como sujeito de pesquisa foi escolhida para acompanhamento e parceria. Essa fase se deu em dois momentos:

- **1º MOMENTO: PLANEJAMENTO:** Nesse momento realizou-se a observação participante da rotina escolar da professora, o mapeamento dos conteúdos possíveis de serem relacionados com a Agroecologia e o planejamento colaborativo, para a turma do 6º ano do Ensino Fundamental. A observação participante permitiu construir uma relação com os professores de integração nas situações e no cotidiano dos mesmos. Este tipo de observação se origina na pesquisa científica das ciências humanas, se caracterizando pela ação do investigador que vivencia a realidade pesquisada e não apenas realiza uma observação distanciada do seu objeto, apresentando uma postura gradualmente participativa. (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999).

- **2º MOMENTO: APLICAÇÃO:** A última ação em campo foi a aplicação das aulas/práticas em colaboração com a professora. As observações aqui descritas foram realizadas no Colégio Estadual do Campo Contestado, na turma do 6º ano do Ensino Fundamental, composta por nove educandos/as todos/as filhos/as, sobrinhos e netos de assentados neste local.

## CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOS DADOS

A partir do **estudo do PPP** (1ª Etapa) do Colégio, podemos observar que A escola que queremos, pela qual lutamos, é aquela que garanta a acessibilidade da escola pública em todos os níveis, no espaço do campo vivenciado pela comunidade do Assentamento Contestado, na prática de uma educação centrada no desenvolvimento do ser humano, e preocupada com a formação de sujeitos da transformação social e da luta permanente por dignidade e justiça.

É fundamental para o colégio Estadual do Campo Contestado a preservação da cultura que valoriza a vida no campo, que aproveita suas vivências locais, o seu espaço, sua realidade e sua práxis, na construção do conhecimento. A escolarização no campo propicia uma proximidade entre a escola e as moradias e, com isso, a participação da comunidade escolar na gestão democrática da escola. Uma gestão fundamental numa concepção de construção coletiva dos sujeitos, onde a grande aprendizagem está em estudar o mundo e a vida, buscando sistematizar os valores que se produzem nesse concreto vivido por nossos educandos e educandas, desenvolvendo a leitura, escrita, o cálculo, etc., buscando a formação de sujeitos responsáveis, autoconfiantes e capazes de intervir na realidade, possibilitando a vivência de novos valores humanistas e socialistas, como a solidariedade, valorização da vida, igualdade de gênero, coletividade, diversidade de etnias.

A escola do campo que queremos e estamos construindo deve possibilitar um ambiente educativo que desenvolva integralmente os educandos e educandas, educadores e educadoras na construção do conhecimento como sujeitos sociais e históricos, bem como de compreender, interpretar e intervir nesse processo histórico.

Potencializar o acesso à pesquisa, através da investigação *in loco* sobre as práticas agroecológicas desenvolvidas na comunidade, que contribuem não somente no crescimento local, mas em pesquisas de diferentes instituições estaduais, nacionais e até internacionais estará enriquecendo nosso trabalho e capacitando nossos educadores/as e educandos/as no caminho da autonomia.

A escola que queremos é uma escola com uma ação local, mas que pensa no mundo, que, de forma global, discutir alternativas que contribuam por um mundo melhor, justo, fraterno, igualitário, para todos e todas. Nesse sentido, propomos a execução de projetos integrados com todas as disciplinas curriculares com temáticas fundamentais para o desenvolvimento dos saberes e da gestão democrática,

envolvendo toda a comunidade escolar. O nosso Projeto Político Pedagógico estará organizando, de forma séria e participativa, pesquisas, debates, seminários, oficinas, palestras, apresentações e exposições sobre saúde e alimentação saudável, educação ambiental, prevenção ao uso indevido de drogas, história e cultura afro-brasileira, história e cultura indígena, enfrentamento à violência, sexualidade, entre outros temas que constam em nosso Projeto, trabalhados nas diferentes disciplinas via currículo sistematizado.

A partir da análise dos **questionários** (Etapa 2), foi possível organizar as respostas em 4 categorias: Percepção sobre a agroecologia, Abordagem da agroecologia nas aulas, Conteúdos da agroecologia e Planejamento das aulas, organizadas na tabela abaixo:



Tabela 1: Categorias de análise dos questionários dos professores

<b>CATEGORIA</b>	<b>FILOSOFIA (P1)</b>	<b>LÍNGUA PORTUGUESA (P2)</b>	<b>CIÊNCIAS/BIOLOGIA (P3)</b>	<b>QUÍMICA (P4)</b>	<b>FÍSICA (P5)</b>
1. Percepção sobre a agroecologia	“Modo e concepção de ver o mundo”	“Agricultura baseada em práticas sustentáveis, saberes populares e tradicionais desde uma perspectiva ecológica”	“Sistema e manejo de agricultura que cuida e se preocupa com o “todo” (bem-estar da família, das criações, natureza, meio ambiente, produção, comércio, logística...) principalmente com a qualidade de vida.”	“entendo que agroecologia é a produção de alimentos através da agricultura familiar, preservando a natureza e proporcionando qualidade de vida para quem cultiva e também para quem consome”.	“Meio de produção de vegetais sem agrotóxicos, utilizando adubação orgânica, controle de pragas naturais.”
2. Abordagem da agroecologia nas aulas	“é o contraponto com o modo de produção do agronegócio”.	“é essencial que os educandos tenham conhecimento acerca não somente do que consome, mas também sobre o que produzem”.	“textos, vídeos, exemplos e debates.”	“Por que é importante que os alunos conheçam que os alimentos livres de agrotóxico são mais saudáveis além que sua prática preserva o meio ambiente.”	“Sim, pois além ser o meio de produção da maioria dos lotes do assentamento tem bastante cont. ligação com a disciplina de Física (clima, efeito fotoelétrico, gravidade e outros)
3. Conteúdos da agroecologia	“filósofos da natureza e questões ambientais”.	“cadernos de receita, anúncios, propagandas, folders, etc.”	“meio ambiente, saúde humana e de todos os seres vivos, ecologia, rios, biomas e ecossistemas.”	“Química Orgânica- organoclorado: abordagem sobre os agrotóxicos organoclorados banidos que trouxeram grandes danos a saúde e a natureza.”	
4. Planejamento das aulas	“não aborda nos planos de aula, porém aborda nos debates realizados nas aulas”.	“Sempre que possível, incluo no planejamento o tema de agroecologia, porém, são poucas aulas na semana, e fica difícil aprofundar o assunto”.	“com livros didáticos, textos na internet, pesquisas, experiências dos alunos.”	“elaborado a partir das diretrizes de química”	“além da produção agroecológica é feito um contraponto com a convencional.”

Na primeira categoria “Percepção sobre a agroecologia”, percebeu-se que os professores apresentaram opiniões bem diversificadas. Enquanto os professores P3 e P4 colocam a importância da agroecologia para a qualidade de vida dos sujeitos, o professor P5 ressalta apenas a questão da natureza, não citando o ser humano como parte do processo. Os professores P1 e P2 salientam a importância dos saberes culturais dos povos do campo assim como a agroecologia como um modo de vida, contribuindo com o meio natural utilizando o modo de produção ecológico.

Na categoria 2, observa-se que o P1 entende que abordar conteúdos que faz contra ponto com o modo de produção do agronegócio é importante, assim o P2 vê de forma diferenciada a qual os educandos somente devem diferenciar a qualidade dos produtos que consomem e que produzem, as metodologias são diferenciadas entre os professores/as pesquisados/as pois vê-se que a/o P3 trabalha com diversidades de conteúdos os quais visam a agroecologia como ponto de partida. enquanto o P4 e P5 dizem que são importantes e que pode relacionar com diversos conteúdo escolares de acordo com suas disciplinas.

Quando se fala em trabalhar com conteúdos da agroecologia nas aulas percebe-se que todos os educadores/as questionados buscam trabalhar de diferentes maneiras, usando os recursos possíveis que estão ao seu alcance. O que fica marcado nestes conteúdos trabalhados pelos educadores é que o material elaborado nas aulas vai para suas casas onde contribuem para uma nova percepção de vida.

Na categoria 4 somente o P1 não salienta o conteúdo da agroecologia em seu planejamento, porém enfatiza nos debates em suas aulas. Já os demais professores P2, P3, P4 e P5 abordam os conteúdos em seus planejamentos e o/a P2 enfatiza a fragilidade em trabalhar melhor o conteúdo devido ao pouco tempo das aulas, e a/o P3 deixa explícito um dos objetivos da educação do campo que é o trabalhar com a realidade e as experiências dos educandos. O P5 relata que realiza o contraponto da agricultura convencional trazendo as vantagens da produção agroecológica para a vida escolar e cotidiana.

A **entrevista**, realizada com a professora de Ciências, teve o intuito de compreender como ela vê a agroecologia e a aplica em suas aulas. A primeira questão foi realizada a fim de identificar qual a compreensão que a professora tem sobre a agroecologia. Segundo ela, a agroecologia é algo que não pode ser pensado apenas a partir de um elemento, mas do todo, tais como o bem estar dos

animais, das famílias, enfim, ela é um modo de vida. Percebe-se que a professora tem uma visão muito abrangente sobre o conceito de agroecologia, conforme se pode observar no depoimento abaixo:

*“ele não é apenas um modo de produção, mas sim é... quando a gente fala no todo e vê o todo, prática né o todo que é tanto da família quanto dos animais, quanto do solo, quanto das espécies que vai ser plantada então pra mim agroecologia é isso, é o todo”. (P1)*

A segunda questão realizada, a fim de para saber quais os conteúdos que contemplam a possibilidade da abordagem da agroecologia em sua disciplina. A mesma diz que a agroecologia cabe dentro dos conteúdos da classificação dos seres vivos e também da fauna e flora, mas em seu depoimento diz que:

*“as doenças que a má alimentação causa, o uso de... o uso abusivo de agrotóxico então.” (P1)*

Ao questionar a educadora sobre quais metodologias que possibilitam trabalhar com Agroecologia, a mesma trouxe vários elementos fundamentais para este trabalho como o trabalhar com as experiências dos educandos e também fala da sua experiência que obteve em práticas com agricultores, traz para a aula textos atualizados sobre as descobertas que se tem da agroecologia, vídeos e relata que gostaria de realizar práticas de campo com os educandos. Em sua fala a educadora relata a diferença entre os meios de produção e também da qualidade de vida das famílias, sem deixar de falar sobre a diferença entre a saúde do produtor agroecológico e do produtor convencional. O trecho abaixo deixa explícito sua visão:

*“visitei alguns agricultores e a gente vê a diferença do agricultor que tem o manejo ecológico do que não tem...a diferença é enorme gente! o que não tem passa veneno na porta de casa aí fica doente e acha que o remédio que o médico passa tem que resolver tanto que os que usa a agroecologia age de uma forma diferente, não usa esses venenos tenta recuperar o solo é confesso que dá mais trabalho e as vezes o lucro nem é lucro o lucro na verdade não é comparado com quem usa veneno mas a qualidade de vida também não se compara né boa qualidade de vida é isso.”(P1)*

A **ação colaborativa** se deu em dois momentos. O primeiro momento a ser realizado foi a **observação** e o **planejamento coletivo**. Ao chegar no Colégio foi iniciado

uma conversa com a educadora onde a mesma se demonstrou bastante animada para colaborar com este trabalho, então foi questionado sobre como iríamos desenvolvê-lo. Marcamos então um dia no qual a mesma teria sua hora atividade. Gostaria de relatar que é pouco tempo para um/a educador/a realizar um bom planejamento.

Em relação ao planejamento coletivo, a professora chegou com uma proposta pronta. Colocando-me no lugar de pesquisadora, não achei pertinente interferir no planejamento, apesar de realizar uma fala sobre a importância de elencar bem os objetivos. Infelizmente essa é uma prática comum nas escolas, uma vez que os professores têm pouco tempo para planejar e o acompanhamento pedagógico ainda é fragilizado. Realizamos então o planejamento o qual foi trabalhado em quatro horas aulas, onde nestas os/as educandos/as pouco participaram, a educadora realizou várias tentativas para incentivá-los a participar, questionar e opinar, mas estas foram em vão.

Para refletir um pouco sobre estes acontecimentos na sala de aula, vamos ver o que Freire nos diz:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua in-submissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver como discurso “bancário” meramente transferido do perfil do objeto ou do conteúdo. (FREIRE, p. 33. 2004)

Foram observadas 4 horas aulas no 6º ano do Ensino Fundamental. No primeiro dia a professora realizou uma leitura coletiva. O tema da primeira aula observada foi *A Importância do Solo e da Agricultura*. Ao iniciar a aula a educadora fez um diálogo com os/as educandos/as sobre o comportamento dos mesmos e que iria passar alguns vídeos sobre o conteúdo que ia trabalhar nas próximas aulas e que os/as educandos/as deveria se comportar e prestar muita a atenção, pois se isso não acontecesse ela também não irá cumprir o combinado que ela tinha feito com eles/as no início do ano letivo, então se não houvesse comportamento como ela iria cumprir os combinados se os/as mesmos/as não estavam cumprindo o que combinaram com a educadora, falou também que deveriam respeitar a pesquisadora que estava acompanhando as aulas, qual seria a visão que a mesma teria da turma perante as ações realizadas pela mesma.

Dando sequência a aula os/as educandos/as foram encaminhados para a biblioteca onde assistiram os vídeos, viram algumas fotos e também fizeram leitura coletivamente, sobre os diferentes tipos de solo e também de agricultura, vale enfatizar que estes foram pesquisados no You Tube pela educadora, mas como os/as educandos/as não prestavam a atenção e faziam muita farra a educadora levou-os/as novamente para a sala de aula.

Mas mesmo assim ficou bastante marcante o que uma das educandas falou sobre o solo: *o solo orgânico é muito mais bonito pois produz melhor*. Ao voltar para a sala a educadora passou um pequeno texto sobre o tema para que todos/as copiassem do quadro.

Esta observação aconteceu no dia 26/06/2018 devido a pouca participação e colaboração dos educandos a educadora não conseguiu explicar o conteúdo, ficando assim a aula fragilizada, sem deixar de falar que devido as normas da escola o tempo de 45 minutos é muito pouco para desenvolver uma aula bem elaborada.

Na observação da aula no dia 02 de julho de 2018 a educadora trabalhou com o livro didático cedido pela secretaria de educação. O tema desta aula foi A Agroecologia tende envolver o ser humano e natureza, foi realizada uma leitura da página 118 do livro de ciência onde falava sobre a agroecologia, durante a leitura a educadora questionava os/as educandos/as se estavam entendendo e qual eram a suas compreensões sobre o assunto.

Devido alguns educandos/as não ter levado o livro a educadora trabalhou com duplas e trio, porém não paravam de se movimentar e fazer brincadeiras desconexas da aula que estava acontecendo naquele momento, por este motivo a educadora buscou ajuda da pedagoga do Colégio, onde a qual chamou a atenção dos/as educandos/as e comunicou-os que no dia seguinte os/as mesmos/as ficariam sem recreio para que refletissem sobre os seus comportamentos, também mandou bilhete para casa dos educandos/as que não levaram o livro didático para a aula daquele dia.

Depois do dialogo realizado pela pedagoga a turma ficou calma e realizaram a atividade que a educadora os tinha dado para que fizessem.

Nas observações realizadas no dia 03 de julho de 2018, a educadora iniciou a aula cumprimentando os educandos e logo foi ao quadro escrevendo a data do dia e a seguinte questão para que os/as mesmos/as respondessem de acordo com o livro assim como também com os seus conhecimentos realizados nas práticas diárias

com seus familiares. Produção de alimentos Agroecológico é? Os educandos responderam e socializaram suas respostas com os demais integrantes da turma. Acontecendo isto bate o sinal para o tempo leitura, onde todos os funcionários, educandos e toda a equipe docente do colégio param para realizarem este tempo que é de 20 minutos diário.

Depois de realizar a leitura de cada livro o educando/a recebe uma ficha de leitura assim denominada, onde devem fazer uma síntese da leitura realizada, trazendo presente alguns fatos da história.

## **5.1 POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES DO CURRÍCULO PARA ABORDAGEM DA AGROECOLOGIA**

Analisando alguns elementos do currículo e das práticas escolares do colégio do pesquisado, no que se refere a abordagem da agroecologia, foi possível identificar alguns desafios enfrentados cotidianamente, que serão discutidos na perspectiva de potencialidades e fragilidades.

Em relação as fragilidades, destaca-se a necessidade de planejamentos que sejam construídos coletivamente a partir de um processo de formação continuada no qual se possibilite a interação entre os educadores, suas disciplinas e também com os educandos, pois através desta interação a abordagem dos conhecimentos trazidos pelos educandos de sua realidade vivenciada será um processo de trocas de experiências e conhecimentos. Na disciplina de ciências o trabalho sobre agroecologia é uma grande possibilidade pois pode-se trabalhar com a horta, horta medicinal, assim como foi trabalhado pelos educandos em estágio, que construíram juntamente com a educadora e os educandos o relógio do corpo humano com diversas plantas medicinais.

Ainda como fragilidade podemos observar o pouco interesse de alguns estudantes, por não realizarem o modo de produção agroecológica em sua realidade, por este motivo questionam os demais estudantes, muitas vezes realizando chacotas com os mesmos.

Ainda há uma distância visível entre a escola que queremos e a escola existente. Pois a escola é comandada pelo poder público o que dificulta várias práticas escolares, uma vez que o que fragiliza muitas práticas é estarmos presos a

horários, formação, interação dos educandos, educadores e principalmente a ligação e interligação com os fatos vivenciados na realidade.

Entretanto observam-se diversas potencialidades que vão ao encontro da escola que queremos. Uma delas é a abordagem dos conhecimentos trazidos pelos educandos de sua realidade para a escola, na pesquisa ficou evidente que a educadora buscava o tempo todo relacionar a aula com a vivência dos educandos, indagando como se dá a prática em suas famílias, quais as características de cada solo, insetos presentes ou não, entre outros questionamentos.

Uma outra potencialidade é o espaço no qual a escola se encontra, cercada pelo meio natural e espaços onde pode-se utilizar como laboratório vivo para abordagem da agroecologia. Esta escola tem campo onde pode-se realizar a relação entre o conteúdo teórico e a prática e assim vice-versa.

Percebe-se também que um elemento essencial para a abordagem agroecológica é a afinidade do educador com a temática. Se ele exercita em sua prática a agroecologia, ele apresenta uma tendência maior de aproximá-la em suas aulas. Um exemplo foi a educadora pesquisada que diversas vezes relacionou sua prática com a aula que estava desenvolvendo, elencando sua experiência com o conteúdo que estava sendo trabalhado, assim também vários outros educadores/as trabalham com o agroecologia trazendo receitas, vídeos, folders, entre outros.

Porém dentro de muitas potencialidades de trabalho existem fragilidades que atrapalham o desenvolvimento de atividades que contribuem mais com a aprendizagem dos/as educandos/as como exemplo: a falta de formação continuada, fragilidades em realizar planejamentos coletivos, a relação com os diversos conteúdos, a realidade e muitas outras.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é mais do que escola: o processo educacional não acontece somente nos espaços escolares, mas sim em todos os espaços onde existem sujeitos que aprendem e socializam os seus conhecimentos com o próximo, tendo em vista que todos os espaços são formativos.

Durante a realização deste trabalho foi necessário muito estudo para que pudesse compreender um pouco mais de agroecologia e educação do campo, para isso enfrentei o desafio de encarar a leitura como instrumento, sendo muito válido este esforço. Através deste estudo, posso afirmar que elevei um pouco mais meu conhecimento e também me fortaleci enquanto sujeito camponesa e educadora do campo. Posso dizer que através da leitura podemos vencer muitos desafios e inclusive fortalecer-nos enquanto sujeitos que lutam para a construção de uma nova educação e uma nova história.

Buscando responder ao objetivo geral deste trabalho, encontrou-se algumas possibilidades da construção do currículo da escola do campo com base nos conhecimentos agroecológicos, considerando os conteúdos abordados e as práticas escolares em uma turma do 6º ano do Colégio. Destaco algumas delas:

- Aproveitar os conhecimentos dos estudantes trazidos de sua realidade;
- Trazer para a escola os conhecimentos acumulados pelas famílias;
- Utilizar o espaço ao entorno do Colégio para a realização de práticas educacionais sustentáveis;
- Construir planejamentos e planos coletivos entre muitas outras atividades.

A escola do campo em minha percepção tem muitas potencialidades para uma educação onde se trabalhe com princípios e sabedorias construídas historicamente, sem deixar se levar pelo conservadorismo patriarcal. Porém existe muitas fragilidades as quais dificultam a liberdade da autonomia escolar por ser um espaço usado como mercadoria por diversas empresas assim como também por influências governamentais.

Dentro da fragilidade escolar encontra-se em minha percepção a reforma do Ensino Médio, fragilizando e desestruturando os conhecimentos construídos historicamente e coletivamente, é válido ressaltar que para construirmos a escola e



educação que queremos devemos desestruturar os resquícios trazidos historicamente pelo patriarcado e sistema capitalista.

As escolas do/no campo têm uma ampla potencialidade em trabalhar com os educandos pois estão localizadas em um campo laboratorial aberto onde estudamos e fazemos ciências a todo momento. A vida cotidiana destes muitas das vezes não é vista com um olhar educador, pois os educandos em suas casas, famílias e comunidades também aprendem e socializam seus conhecimentos sejam práticos ou teóricos. Enfim, A VIDA É UMA ESCOLA.

## 7. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, Miguel **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável** / Miguel Altieri. – 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1999.

CALDART, R. S. Educação do campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. 2 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CALDART, R. S., STEDILE, M. E. e DAROS, D.(org.) **Caminhos para transformação da escola 2: agricultura camponesa, educação politécnica e escolas do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2015, p. 115-138.

ROSSI, R.; VARGAS, I. A. **Ideologia e Educação: Para a Crítica do Programa Agrinho**. REVISTA NERA – ANO 20, N° . 40, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Coleção Leitura –São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IBIAPINA, I. M. L. M. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro. **Dialética da Agroecologia**. Luiz Carlos Pinheiro Machado e Luiz Carlos pinheiro machado Filho -1. ed.-São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MAIER, Sandra Mara. **O papel da escola na construção da agroecologia no Assentamento contestado**. Artigo de Conclusão de curso da Especialização em Coordenação Pedagógica- Universidade Federal do Paraná – UFPR. 2016.

MOLINA. Mônica Castagna, Lais Mourão Sá. **AGROECOLOGIA**. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. 2 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MOLINA. Mônica Castagna, Lais Mourão Sá. **ESCOLA DO CAMPO**. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. 2 ed. Rio de Janeiro, São Paulo: escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Colégio Estadual do campo Contestado. 2011.

RIBEIRO, Dionara Soares et al (org). **Agroecologia na educação básica: questões propositivas de conteúdo e metodologia**. 1 ed. São Paulo: Outras expressões, 2017.